

A BRITO BROCA, MORTO

ALPHONSUS DE GUIMARÃES FILHO

Brito Broca, como foste assim surpreender-nos?
Melhor dizendo: surpreender-te?
Não eras disto: eras antes, discreto demais, por demais recolhido aos teus consul-
tos
deslizando entre papéis antigos como se em teus próprios e salutareos domínios,
como quem se reencontrasse nos idos, nos sonhos e esperanças já pulverizados
e no entanto novos para quem, como tu, sabia reimpregná-los da vibração só apa-
rentemente perdida. Brito Broca,
por que partir assim, se não era essa a tua partida?
Daqui de longe nem sei imaginar-te morto. O automóvel que te arrastou
na praia do Flamengo, na paisagem tão familiar aos olhos de quem ali viveu, como
este teu amigo,
o próprio automóvel, teu espanto, teu ingresso brusco no desconhecido,
tudo isto nos parece, daqui de longe, como uma história narrada por alguém que
amasse o mais nefando novelesco.
Como é possível, Brito Broca, que estejas num cemitério de Guaratinguetá?
Então, se eu for de novo ao Instituto do Livro, se de novo quiser ir à Biblioteca Na-
cional para pesquisas tão a teu gosto,
não te encontrarei mais, naquele jeito de rir para dentro, de falar como que ocul-
tando as palavras,
de ser amigo à tua maneira, sem alarde ou efusão? Como tudo me parece impossí-
vel e distante!
Onde é que terá acontecido tudo isto, Brito Broca? Em que mundo acaso?
Foi contigo mesmo, Brito Broca?
Dize, discretamente, à tua maneira: tudo isto é verdade, Brito Broca?

Este poema, escrito em Brasília, onde o poeta então residia, ao impacto da notícia da morte violenta de Brito Broca, foi publicado num periódico do Distrito Federal, mas é praticamente inédito, pois nunca foi reunido em livro (Nota de Homero Senna).